

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 60
PÓRTO

Nos velhos tempos & nos novos tempos

Em todos os séculos se levantaram contra nós perseguidores. Mas o Santo bendito seja Êle, salva-nos constantemente das suas mãos.

Da «HAGADAH SHEL PESSAH».

Os filhos de Israel frutificaram, e aumentaram muito, e multiplicaram-se, e foram fortalecidos grandemente; de maneira que a terra se encheu dêles.

Depois levantou-se um novo rei sôbre o Egito, que não conhecera a José;

O qual disse ao seu povo: Eis que o povo dos filhos de Israel é muito, e mais poderoso do que nós. Eia, usemos sãbiamente para com êle, para que não se multiplique, e aconteça que, vindo guerra, êle também se ajunte com os nossos inimigos, e peleje contra nós, e suba da terra.

E puzeram sôbre êles maiorais de tributos, para os afligirem com suas cargas. Porque edificaram a Pharaó cidades de tesouros. Pitom e Ramesses.

Mas quanto mais o afligiam, tanto mais se multiplicava, e tanto mais crescia: de maneira que se enfadavam por causa dos filhos de Israel.

E os egípcios faziam servir os filhos de Israel com dureza;

Assim que lhes fizeram amargar a vida com dura servidão em barro, e em tejos, e com todo o trabalho no campo; com todo o seu serviço, em que os serviam com dureza.

(EXODO, I, VERS. 7 a 14).

A saída dos judeus do Egito

(CONTOS DA MINHA BÍBLIA)

«Minha mãe, conta-me uma história da tua Bíblia. Já estou cansada dos contos do meu livro, são todos tão antigos» dizia a pequena Naomi fechando o seu livro com impaciência. A mãe respondia sorrindo «Naomi as histórias da Bíblia são mais antigas, não devem pois ter muito interesse para ti»

«Sim, minha mãe, mas dessas não me canso eu; são sempre tão bonitas as que tu me contas.»

«Bom, então vamos escolher uma de especial interesse para nós, agora que se aproxima a Páscoa, a saída dos judeus do Egito e a sua passagem pelo Mar Vermelho.»

Desde o tempo de Joseph que os judeus viviam no Egito onde tinham sido sempre tratados com muita benevolência. Mas, na época em que começa a minha história, reinava um imperador Pharaon que, temendo a preponderância no seu país desse povo tão arrojado e inteligente, resolveu exterminá-lo ordenando que fôsem afogadas tôdas as crianças do sexo masculino que nascessem.

Mas houve uma mãe que desafiou a ordem real, conseguindo, durante muitas semanas esconder o seu filho. Isto, porém, não o pôde fazer por muito tempo; e então, resolvendo separar-se d'ele, meteu-o no seu pequeno berço e, deixando sua filha Miriam de guarda, escondeu-o entre juncos à borda do rio. Aí costumava tomar banho a princesa filha de Pharaon.

Nesse dia, quando saía do banho, o acaso deu que encontrasse o pequenino berço ali escondido. Ordenou às suas donzelas que lho trouxessem e disse, «deve ser uma pobre criança judia; vamos salvá-la da sua sorte.»

Ao mesmo tempo encomendava que fôsem procurar uma ama para a criança, e então Miriam, que estava ao facto de tudo quanto tinha passado, aproximou-se e pediu à princesa que lhe deixasse trazer uma ama que ela conhecia. A princesa

acedeu ao seu pedido e foi ela buscar sua própria mãe. O pequeno chamou-se Moisés o que em hebraico significa que da água o tinha ela salvo.

Moisés cresceu e viveu no palácio, e desde pequeno sua mãe lhe soube infundir o amor pela sua raça. Assim é que via com tristeza a vida que os pobres judeus levavam. Os egípcios maltratavam-nos obrigando-os a trabalhar barbaramente. Empregavam-nos para fabricar casas e eles próprios tinham que fazer os ladrilhos para elas.

Um dia Moisés viu um egípcio bater e maltratar um judeu e, cheio de indignação, quis intervir para defender o seu irmão de raça. Bateu-se com o egípcio e matou-o, e então, alarmado pelo que tinha feito, fugiu da cidade. Viveu algum tempo nos campos como pastor e um dia em que conduzia o seu ebanho viu um arbusto a arder; chamou-lhe a atenção que as chamas não devorassem a rama, e pensando que a sua vista o teria enganado, aproximou-se quando, ouviu uma voz que chamava; «Moisés, Moisés, afasta-te que estás pisando terra sagrada. Moisés encurvou-se cheio de pavor, e do arbusto ouviu voz de Deus que lhe dizia que voltasse ao Egito que era êle o escolhido para libertar o seu povo e conduzi-lo a terra de Canaan que tinha sido prometida aos seus antepassados. Moisés, que era um modesto, não compreendia como Deus (Bendito) o tivesse escolhido para tão grande missão e, alegando a sua incapacidade, pedia que fôsse outro nomeado para esse fim. Mas Deus (Bendito) disse-lhe que êle lhe mostraria o caminho, e para provar-lhe o poder que lhe dava, disse-lhe que atirasse com a sua vara para o chão. Moisés viu com espanto que se transformara numa serpente que, quando lhe quis pegar tomou a sua forma primitiva. Agora Deus disse-lhe que puzesse a sua mão ao peito. Moisés assim fêz e, aterrorizado, viu-a coberta de lepra. Deus disse-lhe que não se assustasse, que tornasse a colocá-la na mesma

posição e então a terrível moléstia desapareceu.

Com estas provas o poder com que o tinha investido, Deus ordenou a Moisés que procurasse o seu irmão Aarão, e que juntos fôsem a Pharaon pedir a liberdade do seu povo. Assim o fizeram, mas Pharaon, que era um pagão, disse-lhes que não reconhecia a autoridade do Deus os enviava, e que não deixaria sair os judeus seus escravos. Moisés e Aarão usaram de todos os meios de persuasão, mas foi inútil, nada conseguiram. Então Deus fez recair sobre os egípcios pragas terríveis, e o povo reclamava de Pharaon que deixasse partir os judeus. Mas tinha o coração duro o imperador, e só a última praga, a mais terrível de todas, o fez ceder. Deus disse a Moisés que estivessem os judeus prontos para partir, e nessa noite mandou o seu anjo da morte às casas dos egípcios. Em todas elas havia um morto; o primogênito de cada família, desde a de Pharaon até a do mais humilde dos servo. O anjo só tinha poupado as casas dos judeus em Gochen. Os egípcios lamentavam-se cheios de pavor, e imploravam que se deixasse partir esse povo para eles nefasto. Enfim veio a palavra de Pharaon a Moisés e Aarão. Ide, parti, levai convosco o povo de Israel. Ide servir o vosso Deus. E os próprios egípcios que antes os tinham maltratado, davam-lhes jóias, ouro e prata para que partissem.

Como lhes tinha recomendado Moisés, já estavam eles preparados para a partida, com o pão, que não tinha tido tempo de levedar, atado às costas. Assim saíram os judeus do Egito e, não esquecendo a promessa feita a Joseph, levaram com eles os seus restos mortais, para os enterrarem em Canaan.

Pelo deserto caminharam dias e noites esses pobres judeus fugitivos, extenuados com a canseira do caminho, homens, mulheres e crianças com a fé de breve verem terminados os seus suplícios. Mas ainda ameaçava o perigo. Chegaram ao Mar Vermelho e já os egípcios arrependidos de os terem deixado partir, vinham em sua perseguição. Pharaon com um poderoso exército os seguia e diante deles só o mar: nenhum meio possível de salvação. Então clamaram a Moises, revoltando-se contra a sua triste sorte.

«Par que nos trouxeste do Egito para fazer-nos sair do nosso cativeiro? Não havia lá covas, que precisássemos vir morrer aqui?» E Moisés disse-lhes que não receassem, que tivessem fé em Deus, que não os abandonaria. E êle implorava-o pela salvação do seu povo. Veio a resposta divina tão bela, infundir coragem a Israel.»

«Porque chamas por mim? Dize ao povo de Israel que vá avante!».

Então Moisés estendeu a sua vara sobre o mar, e as águas partiram-se formando duas paredes e o povo passou entre elas pelo seco.

Pharaon e os seus guerreiros, que presenciavam atônitos esse milagre seguiram-nos e nesse momento as ondas uniram-se, afogando todos os egípcios. Os judeus vendo-se enfim libertados dos seus antigos inimigos, romperam em cânticos de alegria, louvando e abençoando o Deus que os tinha salvo. E Miriam tirou a sua lira e ao seu acompanhamento cantou o povo de Israel a nossa linda Achirá, que nos conta os feitos dessa milagrosa jornada.

Está terminada a minha história, Naômi. Agora diz, o que mais gostaste dela?

E respondeu a pequena, pensativa:

«Porque chamas por mim? Diz ao povo de Israel que vá avante!».

D. X.

(Do Boletim do Comité Israelita de Lisboa — de 16 de Abril de 1916).

Vida comunal

Pessah e Shebnoth Não só a festa de Pessah' (Páscoa) a festa da Libertação, mas também a festa de Shebnoth (que comemora a outorga da Lei no Monte Sinai) foram devidamente celebradas na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, à Rua Guerra Junqueiro desta cidade.

Na festa de Páscoa foi feito pão ázimo e pela primeira vez foi recebido desse pão (Matsah) fabricado nos Estados-Unidos da América do Norte o qual foi distribuído pelos refugiados residentes nesta cidade e arredores.

A DOCTRINA DE SABATAI ZEBI A moral do judaísmo

EM TRIPOLI (ÁFRICA DO NORTE)

por GABRIEL V. RACCAH

(Estudo Inédito para HA-LAPID)

Na Sinagoga "SCIVEHA" de Tripoli existe ainda hoje, uma *Ner* (lâmpada de azeite) em memória de Sabatai Zebi.

É estranho o facto que o nome dêste homem, que terminou por abraçar a religião islamica, encontre ainda um lugar de honra num sagrado templo de Israel.

A doutrina sabatiana, foi difundida em Tripoli, por HAIM GALBAN que compôs um *piut* (poesia religiosa) em honra de Zebi e com a colaboração dos jovens Joseph Fonseca e Abraão Haiun.

Muitos dos filhos de Israel natos em Tripoli, foram chamados Sabatai, em honra de Zebi.

Mas a difusão da doutrina sabatiana teve maior importância por obra de Abraão Miguel Cardoso, um judeu marano, natural de Rio Sêco e que segundo o seu testemunho regressou ao judaísmo em Livorno.

No ano de 1670, o duque da Toscana recebeu de Osman de Chio, pachá de Tripoli o pedido para lhe ser mandado um médico e o duque mandou-lhe Cardoso (vide meu estudo no "Avvenire di Tripoli" de 2 de Agosto de 1936).

Abraão Miguel Cardoso que era se-quiz de Zebi aproveitou-se da ocasião para difundir ainda melhor o sabatianismo; mas a sua propaganda foi combatida fortemente pelos chefes da Comunidade Israelita de Tripoli Isaac Lumbroso e Abraão Nunes.

Depois duma áspera luta os chefes da Comunidade conseguiram que saísse de Tripoli, por ordem do pachá, o Cardoso que se dirigiu para o Egipto. Expulso o Cardoso a sua obra foi continuada pelo seu discípulo Jacob Fellah Bani. Como Sabatai Zebi, também Jacob Fellah Bani abraçou o islamismo. O seu túmulo está situado na *Giudecca* de Tripoli e é também venerada pelos árabes de Tripoli, que lhes chamam *Sidi Iagub*.

Mortos Sabatai Zebi, Galban, Cardoso e Fellah Bani a *ner* (lâmpada) posta em

Meus caros leitores, vós ouvireis mais duma vez, talvez, afirmarem perante vós que uma outra religião ensina ao mundo os preceitos de moral, que regulam hoje as acções dos homens. Vos dirão que a moral do judaísmo é muito menos pura e menos elevada que a das crenças que saíram do seu seio.

É necessário que vós estejais em condições de refutar estas afirmações inexactas e para isso, julgamos bem fazer-vos dando aqui algumas máximas extraídas da Escritura Sagrada e do Talmud.

Elas terão a dupla vantagem de vos fazer apreciar, como ela merece, a religião dos vossos antepassados e de vos fornecer preciosas indicações sobre o que tereis de fazer para agradar a Deus e aos homens.

Máximas extraídas do Pentateuco (Thorah)

Amarás Adonai, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças.

— Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

— Que cada um de vós honre vosso pai e vossa mãe.

— Vós não praticareis nenhum furto nem mentireis um ao outro.

— Vós não julgareis falsamente.

— Vós não amaldiçoareis o surdo, e não coloqueis obstáculos diante do cego.

— Vós não praticareis iniquidade em julgamento, não deveis favorecer o pobre e não tereis atenções para o rico, mas vós julgareis o vosso próximo com justiça.

— Não useis da maledicência no meio do vosso povo.

— Não odiares o vosso irmão no vosso coração.

— Não vos vingareis e não guardéis rancor.

honra de Zebi envia na noite tenebrosa e silenciosa os seus raios, para iluminar, em conjunto com as outras *neroth* (lâmpadas), a Sinagoga *Sciveha*.

Os treze artigos de fé

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 109)

Sétimo artigo

P. — *Em que é que Moisés se distingue dos outros profetas?*

R. — 1.º As verdades reveladas pelo intermediário Moisés aos Israelitas e à humanidade são as mais importantes. Essas são o fundamento de toda a religião e de toda a moral;

2.º Os milagres que Deus fez por meio de Moisés excederam em grandeza e brilho a todos aqueles que foram operados pelos outros profetas;

3.º Deus dirigiu a palavra a Moisés sem se servir de intermediários, mas sim pela maneira mais clara e mais directa; o que não acontecia quando Deus se manifestava aos outros profetas;

4.º O espírito profético sempre existiu em Moisés, que obtinha revelações de Deus quando desejava, graça que não foi concedida a nenhum outro profeta;

5.º Moisés foi o único que deu leis; os outros profetas apenas confirmaram a lei de Moisés.

Oitavo artigo

P. — *Em que lugar e em que época deu Deus a sua lei a Israel?*

R. — Deus deu a sua lei a Israel sobre o Monte Sinai, no sexto dia do terceiro mês após a saída do Egito, ano 2448.

P. — *Perante quem foi proclamada a lei de Deus?*

R. — Perante todo Israel reunido no Monte Sinai.

P. — *Era necessária a presença de todo o povo para acreditarem na missão de Moisés?*

R. — Sim, para dar a sua lei, Deus precisava falar êle mesmo ao seu povo e investir solenemente Moisés, o seu fiel intérprete, da sua grande e santa missão.

P. — *Que prova deu o povo de Israel da sua fé pelas palavras de Moisés?*

R. — Numa voz unânime todo o povo encarregou Moisés de receber a lei de

Deus, prometendo-lhe inteira obediência e afirmando da maneira mais solene a verdade da revelação divina.

P. — *Como é que continuou a transmissão da lei de Deus em Israel?*

R. — Moisés, tendo recebido a lei sobre o Monte Sinai, transmitiu-a a Josué, seu sucessor Josué transmitiu-a aos decanos, os decanos transmitiram-na aos profetas, os profetas aos homens da Grande Sinagoga, e êstes aos doutos e aos rabinos que se foram sucedendo sem interrupção até aos nossos dias.

P. — *Quais são os homens da Grande Sinagoga?*

R. — Chama-se assim a assembléa, que composta sucessivamente de cento-e-vente doutos, e que se formou na época da construção do segundo templo de Jerusalém e da qual fizeram parte os últimos profetas.

Nono artigo

P. — *A lei de Deus podia ser mudada ou modificada?*

R. — Não, a lei divina ficará imutável até à eternidade.

P. — *Como devemos considerar um profeta que ensinasse a abolição dum preceito da lei?*

R. — Deveríamos considerá-lo como um falso profeta, e um impostor.

P. — *Mas se êsse profeta nos parecesse fazer um milagre por meio da sua doutrina, não deveríamos ter fé nas suas palavras?*

R. — Não, apesar de todas as aparências de milagre, devemos considerar como falsa toda a doutrina contrária à lei que Deus nos deu, para ser observada por todas as gerações

Décimo e undécimo artigo

P. — *Que compreendeis por estas palavras: «Deus conhece todos os pensamentos do homem?»*

R. — Que Deus vê o que se passa no espírito e na consciência dos homens, que

lê nos nossos corações, que conhece os pensamentos mais escondidos das suas criaturas, e que nada se pode pensar nem fazer às suas escondidas.

P.— *O que é que nos torna responsáveis para com Deus, da nossa conduta?*

R.— O que nos torna responsáveis para com Deus, é:

1.º A razão com que Deus nos dotou e pela qual temos a faculdade de distinguir o bem do mal;

2.º A revelação, pela qual Deus nos fez conhecer a sua vontade e os nossos deveres;

3.º A liberdade moral, pela qual temos o poder de querer o bem e evitar o mal.

P.— *Não poderíamos desculpar-nos com as inclinações com que Deus nos criou e que nos levam a praticar o mal?*

R.— Essa razão não poderia desculpar-nos; porque se Deus nos criou com as nossas inclinações deu-nos também o poder de as vencermos, e de nos servirmos dela unicamente para o bem e em conformidade com a vontade divina.

P.— *Como pode a bondade de Deus permitir o castigo dos maus?*

R.— A verdadeira bondade não podia ser contrária à justiça; é porque Deus é realmente bom que castiga a injustiça, e nada lhe é mais odioso que acções e pensamentos culpáveis.

P.— *Porque acontece muitas vezes que o homem justo é infeliz, enquanto que o homem injusto vive na prosperidade?*

R.— Não conhecemos bastante nem os homens, nem a natureza, nem as circunstâncias dos acontecimentos, para que possamos explicar todos os caminhos da Providência.

Basta-nos saber que Deus recompensa cada um segundo as suas obras, e que faz na sua sabedoria concorrer para o bem o que na aparência é um mal.

P.— *Porque não vem o castigo imediatamente depois duma má acção?*

R.— Porque Deus, na sua magnanimidade deixa muitas vezes ao pecador o tempo de reflectir sobre a sua conduta, de se arrepende e de emendar o mal que fez.

P.— *Porque é que Deus não recompensa imediatamente as boas acções?*

R.— Se uma boa acção fôsse sempre seguida duma recompensa, os homens

fariam o bem pela recompensa, a virtude não seria louvável, mas sim interessada

P.— *O temor do castigo e a esperança duma recompensa é unicamente o que nos deve impedir de praticar o mal ou de nos incitar a praticar o bem?*

R.— Não devemos somente praticar o bem pelo único motivo de agradar a Deus e de satisfazer a nossa consciência, como também a vergonha de merecer a reprobção divina deve-nos bastar para conservarmos as nossas mãos e o nosso coração puros de todo o acto e pensamento injusto.

P.— *Castiga Deus os filhos pelos pecados dos pais, ou os pais pelos pecados dos filhos?*

R.— Não: Deus somente castiga os pecadores.

P.— *Em que caso sofrem os filhos pelos pecados dos pais?*

R.— Os filhos podem sofrer pelos erros dos pais e não pelos seus. Dando uma má educação aos seus filhos, os pais fazem dêles umas vítimas. Mas os filhos podem sempre reagir contra a má educação que receberam.

Duodécimo artigo

P.— *Que significa a palavra Messias?*

R.— Esta palavra quer dizer unguido: chamava-se assim os réis, por causa do óleo da unção, que lhe deitavam sobre a cabeça na ocasião da cerimónia da sagração.

P.— *Porque se distinguirá a época do Messias segundo dizem os profetas?*

R.— Essa época será marcada pelo reino da verdade e da justiça, pelo triunfo da crença na unidade de Deus sobre a terra pelo acabar do ódio da guerra e de todas as calamidades que afligem a humanidade; numa palavra pela união e a paz que formarão de todos os homens um povo de irmãos e amigos concorrendo todos para o bem estar geral da humanidade.

Trigéssimo artigo

P.— *Que principio se liga ao da immortalidade da alma?*

R.— Que o justo deve esperar a recompensa certa na vida futura e que o mau que morre sem se ter arrependido por meio duma penitência sincera, não pode escapar ao castigo.

Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 109)

TÍTULO XCII

Se for contenda entre Cristão, e Judeu, a quem pertencerá o conhecimento dela

El-Rei D. Fernando de esclarecida memoria em seu tempo fez Cortes na Cidade de Lisboa, e foram-lhe por parte dos Concelhos requeridos certos artigos gerais, aos quais ele respondeu por Conselho da sua Corte. E entre eles lhe foi requerido um, do qual com a resposta, que a ele foi dada, o teor é este, que se adiante segue:

1.º Ao que dizem no cincoenta e nove artigo, que de direito os Mouros, e Judeus nom devem haver Jurdição, nem Senhorio sobre os Cristãos, e usa-se, que os Mouros hão por seu Juiz o Alcaide-Mor seu, e os Judeus seu Arrabi-Mor, e outros Officiais, como hão os Cristãos, os quais conhecem dos feitos, que hão os Cristãos com eles; o que é defeso por direito, e pela santa Escritura: e que fosse nossa mercê de mandarmos, que se não faça, e que o seu Arrabi, e Alcaide conheçam dos seus feitos, que eles entre si houverem, e fora nos que houverem os Cristãos com eles, que os Juizes os livrem.

A este artigo respondemos, que eles hão Privilegio, e lho outorgaram os Reis, que ante nós foram, por algumas razões aguisadas: e porem mandamos que lho guardem pela guisa, que em ele é conteúdo.

2.º O qual artigo com a dita resposta declaramos em esta guisa, que se segue; a saber, que nas Cidades e Vilas, onde por nós é ordenado que haja juizes, que em

especial conheçam desses feitos em todo caso, que a feitos civis pertença, segundo agora fazem: e nos outros Lugares, onde tais Juizes nom são deputados especialmente, mandamos, que nos feitos civis, que nom hajam dependencia de algum crime, em que o Cristão seja autor, e o Judeu reu, seja o Judeu demandado perante seu Arrabi, porque segundo direito o autor deve seguir o foro do reu: e bem assi mandamos que se faça, se for contenda entre Mouro, e Judeu: e no caso, onde o Cristão for reu, e o Judeu autor, seja o Cristão demandado perante o Juiz Cristão de seu foro: e em todo feito crime seja o Judeu acusado pelo Cristão perante o Juiz do-Crime do Lugar, onde o caso acontecer; e bem assi seja acusado o Cristão pelo Judeu perante o Juiz Cristão do Lugar, onde o crime for cometido, como dito é, dando sempre apelação nos casos, em que manda a Ordenação sobre isso feita.

3.º E tudo isto, que dito é, nom haja lugar nos feitos das dizimas, e portagens, e sisas, e quaisquer outros direitos Reais; porque tais feitos como estes mandamos que sejam tratados perante aqueles Juizes, a que pelas Ordenações do Reino o conhecimento deles pertence: e bem assi em qualquer outro caso, onde por nossa graça especial, ou qualquer outro mandamento outra coisa seja ordenada.

P.—*A que nos deve levar a certeza duma vida futura?*

R.—A bem aproveitar desta vida que é curta, afim de nos prepararmos para um futuro que não terá fim.

P.—*Qual é o meio de nos prepararmos para a vida futura?*

R.—E' de trabalhar sem cessar para o nosso aperfeiçoamento.

P.—*Como é que podemos trabalhar para o nosso aperfeiçoamento?*

R.—Cumprindo sempre os nossos deveres, e aumentando sem cessar os nossos estudos.

P.—*Que devemos sentir pela incerteza em que estamos do momento da nossa morte?*

R.—Como o fim da nossa vida nos é desconhecido devemos conduzir-nos de forma que a cada momento a nossa alma esteja pronta a aparecer, pura e cheia de boas obras perante o soberano juiz de todos os homens.

TITULO XCIII

De como os Tabeleães dos Judeus não de fazer suas Escrituras

Ei-Rei D. João meu Avô de gloriosa memoria em seu tempo fez Lei em esta forma, que se segue:

1.º D. João pela graça de Deus Rei de Portugal, e do Algarve. A quantos esta carta virem fazemos saber, que a nós é dito, que os Tabeleães das Comunas dos Judeus dos ditos nossos Reinos fazem todas as Cartas, e Escrituras, e Estormentos per Abraico. E vendo nós em como se delo seguia, a segue perda, e dano a nós, e ao nosso Povo: Porem nós com acordo dos do nosso Conselho Ordenamos, e mandamos, que qualquer Judeu, que fôr Tabeleão dessas Comunas dos Judeus, não faça Carta, nem Estormento, nem Escritura per Abraico, senão per linguagem ladinha portuguez; e fazendo eles, ou cada um deles o contrario desto, mandamos que morra por elo. E porem mandamos que assi se guarde todo nosso Senhorio.

2.º A qual Lei vista per nós, achamos que era muito odiosa na parte da pena porque segundo direito e comunal razão, a pena deve sempre corresponder ao maleficio, e não parece ser cousa razoada, que por tão leve crime algum homem haja de morrer. E porem limitando a dita pena, mandamos que a dita Lei haja lugar no Tabeleão, que fez a dita Escritura em letera Abraica por fazer falsidade, e de feito a fez; e no caso, onde o dito Tabeleão fizesse a dita Escritura verdadeiramente sem fazendo outra falsidade, ainda que a fizesse em Abraico, tal como este mandamos que seja açoutado publicamente, e perca o Offício, e nunca mais o possa aver em algum tempo.

3.º E com esta limitação, e declaração mandamos que se guarde a dita Lei, assim como em ela é conteudo, e per nós aqui declarado, com dito é.

A JUDIARIA DE LISBOA NO SÉCULO XV

(Segundo o depoimento dum viajante cristão)

Na *Revue des Etudes Juives*, foi publicado um estudo do rev. Rabi Julien Weil sobre a História dos judeus em Espanha e Portugal no século XV.

O autor publica extractos da viagem dum médico, Jerome Münze, que visitou Lisboa nos fins de Novembro de 1494.

Transcrevemos a curiosa descrição que faz o viajante dos bairros judeus e das suas sinagogas.

“—Os judeus têm três bairros privativos abaixo-da-fortaleza (Castelo de S. Jorge) no sopé do monte, os quais são fechados todas as noites. No sábado, véspera de Santo-André, eu visitei a sua sinagoga; eu nunca vi nada de semelhante. A' frente encontrava-se um pátio que era coberto por uma vide enorme cujo tronco media quatro palmos de circunferência. Que magnífico local com um púlpito para prègar como nas mesquitas.

Ali ardiam dez grandes candelabros tendo cada um cinquenta ou sessenta lâmpadas, sem contar muitas outras mais.

E as mulheres tinham uma sinagoga separada, onde ardiam muitas e numerosas luzes.

Os judeus de Lisboa são muito ricos e são os recebedores dos impostos dos quais o rei lhes deu a concessão. Eles apresentam-se com altivez perante os cristãos. E eles estão muito apreensivos porque o rei de Espanha pediu ao rei de Portugal para expulsar os maranos e também os judeus, e no caso contrário lhe faria guerra.

O rei de Portugal, seguindo o exemplo do rei de Espanha, deu ordem a todos os maranos para saírem do País até ao Natal.

Estes fretaram um navio de nome Rainha e em meados de Dezembro partiram para Nápoles.

Quanto aos judeus, o rei deu-lhes dois anos completos, para serem expulsos metódicamente.

Desta maneira, os judeus vão-se embora continuamente e procuram estabelecerem-se no estrangeiro.